



A RETÓRICA RELIGIOSA NA GUERRA CIVIL DA REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA¹

PEDRO DINIZ ROCHA

Mestrando em Relações Internacionais (PUC-Minas). Bacharel em Relações Internacionais (PUC-Minas). Membro do Grupo de Estudos das Relações Internacionais do Atlântico Sul (GAS), <https://grupoatlanticosul.com/>

FILIFE DE FIGUEIREDO

Bacharel em Relações Internacionais (PUC-Minas)

BRUNO PAIVA MIRANDA

Graduando em Relações Internacionais (PUC-Minas)

RESUMO: As Relações Internacionais historicamente deixaram de lado o fenômeno religioso para a compreensão da política internacional. A partir dos anos 1990, entretanto, com o surgimento das novas guerras o tema tem cada vez mais sido incorporado às análises. Neste contexto, o artigo tem como objetivo central discutir a influência do fenômeno religioso nas dinâmicas de paz e conflito, tendo como estudo de caso a guerra civil na República Centro Africana (RCA). Parte-se do pressuposto teórico de que a religião quando central em um conflito tende a influenciar a intensidade da contenda e a escalada no nível de violência. Em termos empíricos, a análise do caso será realizada em dois termos. Em primeiro lugar, em termos qualitativos, buscar-se-á os fundamentos religiosos do conflito na RCA. Em segundo lugar, em termos quantitativos, utilizando-se de dados do Uppsala Conflict Data Program (UCDP), do Armed Conflict Location & Data Project (ACLED) e do Conflict Barometer será verificada a correlação entre a adoção da retórica religiosa e a intensificação da violência no país.

PALAVRAS-CHAVE: Guerra Civil; Religião; República Centro Africana

THE RELIGIOUS RETHORIC IN THE CENTRAL AFRICAN REPUBLIC CIVIL WAR

ABSTRACT: During great part of the history the discipline of International Relations, the religious phenomenon has been set aside as a key variable in understanding the agency of international actors. However, since the 1990s and the appearance of the “new wars” the topic was gradually incorporated in the analysis. In this context, this article aims to discuss the influence of the religious phenomenon in the dynamics of peace and conflict while studying the civil war in the Centro African Republic (CAR). It is believed that when religion is central in a conflict it can affect the intensity of the dispute and the escalation of the conflict. In empirical terms, the case study will be carried out in two parts.

¹ O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001



Firstly, in qualitative terms, the religious roots of the conflict will be analyzed. Secondly, in quantitative term, using data collected at the *Uppsala Conflict Data Program* (UCPD), *Armed Conflict Location & Data Project* (ACLED) and *Conflict Barometer*, it will be verified the correlation between the adoption of a religious rhetoric and the increase in violence in the CAR.

KEY-WORDS: Civil War; Religion; Centro African Republic

1. Introdução

A efervescência de conflitos de tônica étnico-religiosa em meados dos anos 1990 e o atentado às torres gêmeas em 11 de setembro de 2001 abriram as portas para incorporação da religião como objeto de estudo dentro das Relações Internacionais. De fator esquecido ou negligenciado, o tema paulatinamente vem sido incorporado como fator necessário para a compreensão de fenômenos em âmbito internacional (CARLETTI; FERREIRA, 2016).

Em relação especificamente aos estudos de paz e conflito, abordagens recentes apontam o papel dual do fenômeno religioso (HAYNES, 2009). Se em um primeiro momento se destaca sua influência na escalada no nível da violência e na intratabilidade e prolongamento de conflitos sociais (REYCHLER, 1997), há que se sublinhar também o papel ativo da religião no processo de resolução de conflitos, em especial no que tange a processos de *peace-making* e *peace-building* onde líderes e instituições religiosas podem contribuir ativamente como facilitadores para a paz (SMOCK, 2006).

À vista disso, o presente artigo pretende discutir a influência do fenômeno religioso nas dinâmicas de paz e conflito, tendo como estudo de caso a guerra civil na República Centro Africana (RCA). Baseando-se em Lindberg (2008), acredita-se que a religião quando central em um conflito tende a influenciar a intensidade da contenda e a escalada no nível de violência. Em certo sentido, ao analisarmos a guerra civil na RCA podemos com certa clareza observar a hipótese acima levantada.

Até o fim de 2012 a religião era elemento periférico na relação entre o governo de François Bozizé e os grupos rebeldes dentro da RCA. No entanto, após a deposição de Bozizé em março de 2013, o elemento religioso se torna central não só para formação do grupo Anti-balaka por partidários do ex-presidente, mas



também como forma de justificar as suas ações. É então a partir da retórica religiosa que o conflito escala e ambos os lados, Sèleka e Anti-Balaka, passam a orientar seus ataques em direção às comunidades cristã e muçulmana, respectivamente

Na próxima seção será realizada a operacionalização das variáveis e apresentada a metodologia de trabalho adotada no artigo. Em seguida, será discutida a influência da religião tanto para a paz, quanto para a guerra, será definido o que se entende por guerra civil e guerra civil religiosa e apresentado o argumento de Monica Toft (2006a) acerca da religião como elemento central ou periférico em uma guerra civil. Em uma terceira seção, será realizado um pequeno background histórico do conflito na RCA. Na quarta seção a hipótese de que a centralidade da religião afeta a intensidade das guerras civis será testada tendo como estudo de caso a guerra civil na República Centro Africana. Enfim, na última seção serão apresentadas as considerações finais e alguns dos resultados retirados da análise.

2. Metodologia

2.1. Operacionalização das Variáveis

A variável independente deste artigo é “conflito social”. Um conflito será aqui definido como toda disputa violenta ou potencialmente violenta movida por “divergência percebida de interesses ou aparente impossibilidade das partes de atingirem seus objetivos de forma simultânea” (PRUITT; RUBIN, 1986, p.4). A partir de Wallensteen (2002), conflitos internos são caracterizados por incompatibilidades de interesse entre o governo e um ou mais grupos não-estatais. Além disso, se diferenciam entre aqueles que possuem claro componente territorial, denominados pelo autor de conflitos de formação de Estados, e aqueles nos quais a disputa se dá em torno do poder político de fato, identificados como guerra civil.

A variável moderadora deste artigo é “retórica religiosa”. Acredita-se que a presença ou não da retórica religiosa afeta a maneira pela qual as partes combatentes lidam com as incompatibilidades de interesse. Por retórica entende-se



os princípios a partir dos quais as partes combatentes justificam as suas ações. Destaque deve ser dado para o fato de que não necessariamente o conflito necessite ser religioso por natureza. Muitas vezes a retórica religiosa é utilizada pelos líderes para dar legitimidade às suas ações, angariar suporte civil ou apoio internacional para a sua causa.

A variável dependente deste artigo é “intensidade do conflito”. A partir de Lindberg (2008), a intensidade do conflito será observada a partir do número de mortos relacionadas diretamente ao conflito, incluindo a morte de civis. Entretanto, destaca-se que mortes relacionadas de maneira indireta ao conflito, como em relação a doenças ou a destruição de infraestrutura podem ser adicionadas a análise. Porém, não serão o foco do trabalho, tendo em vista a dificuldade de se conseguir dados dessa natureza em um ambiente de conflito.

2.2. Estudo de Caso

Como já destacado, até o fim do ano de 2012, a religião era elemento periférico no conflito entre o governo e o grupo rebelde autodenominado Séleka. Mesmo se durante a marcha rumo a Bangui os partidários do Seleka se aproveitaram de um contexto regional instável e marcado pela confluência entre o Islã e o cristianismo para atrair suporte a sua marcha rumo a Bangui, somente após a deposição do presidente Bozizé e a formação do grupo *Anti-Balaka* que a retórica religiosa passa a fazer parte do conflito na RCA. A partir daí, como apontam dados do *Armed Conflict Location & Data Project (ACLED)* (2015, p.1), houve o aumento significativo da violência no país, destaque para o ano de 2014 onde registram-se mais de 800 escaramuças tendo como resultado cerca de 3000 mortos. Dito isto, tem-se que a hipótese de trabalho será considerada confirmada caso se consiga demonstrar a correlação entre a centralidade da retórica religiosa em um contexto de conflito e a escalada da violência.



3. Religião para a paz e para a guerra

A religião permaneceu como fator às avessas das Relações Internacionais por grande parte da história da disciplina. O processo moderno de secularização, intrínseco à construção da Sociedade de Estados desde Vestfália (1648)², em grande parte contribuiu para a sua transformação em fator negligenciado nas análises em Política Internacional (SANDAL; JAMES, 2010; CARLETTI; FERREIRA, 2016). Apontam Sandal e James (2010), entretanto, que apesar da marginalização do fenômeno religioso, este pode ser variável omissa importante para a explicação de diferentes fenômenos do internacional. A exemplo, Ferreira e Carletti (2018, p.2) sublinham a religião como fator central para a compreensão de dinâmicas em torno das “análises de paz e conflito, formação de agenda política nos organismos internacionais ou mesmo na formulação de política exterior de alguns importantes atores”.

Em relação especificamente aos estudos de paz e conflito, os anos 1990 são ponto fulcral para o desenvolvimento de trabalhos que passaram a levar em conta a religião em seus desenhos de pesquisa. Isso porque a década foi marcada pelo surgimento em escala regional de diversos conflitos de tônica étnico-religiosa que Kaldor (1999), por exemplo, argumenta se diferenciarem daqueles típicos de décadas anteriores. Para a autora, essa distinção é marcada por três pontos principais: a presença de *Identity Politics* (isto é, identidades étnico-religiosas sendo fundamentais para a auto identificação das partes combatentes), os métodos de guerra empregados (isto é, o desrespeito aos direitos na guerra (*jus in bellum*) e, portanto, adoção de estratégias como assassinatos em massa, empresa de atrocidades contra não-combatentes e técnicas diversas de intimidação política e psicológica) e as conexões transnacionais (isto é, o suporte transnacional a contenda, por meio de suporte logístico, econômico e militar).

Como aponta Haynes (2009), o resultado foi o aparecimento de grande literatura que passou a retratar a contribuição do fenômeno religioso para a intratabilidade e para a escalada da violência em conflitos sociais³. Destacou-se, por

² Ver, por exemplo, Hurd (2004).

³ Ver, dentre outros, Marty e Appleby (1994), Huntington (1996), Reychler (1997), Juergensmeyer (2000).



exemplo, que líderes políticos passaram a se utilizar da retórica religiosa para seus objetivos de dominação, construindo clivagens fundamentadas em diferenças culturais e religiosas. Ponto que se agrava quando da presença do fundamentalismo religioso, fenômeno que passa a mover as ações de diferentes grupos políticos e que contribui para o surgimento da intolerância, aos abusos de poder e justificam a violação irrestrita aos direitos humanos acompanhada do aumento exponencial da violência (HAYNES, 2009).

De outra parte, entretanto, há que se destacar que a influência do fenômeno religioso nas Relações Internacionais, em geral, e nos estudos de paz e conflito, em particular, não se dá somente no que tange a dinâmicas de crise, violência e escalada dos conflitos (HAYNES, 2009). Há evidências de que a religião pode também ter papel construtivo no que tange a processos de resolução de conflitos e *peace-building*⁴. Como assinala Bartoli (2005), o papel da religião nas dinâmicas de paz e conflito se relaciona intrinsecamente àquele de suas lideranças. Da mesma maneira em que a retórica religiosa é utilizada como mecanismo para atingir determinado fim político-militar, ao obter suporte civil e apoio internacional em determinadas frentes, líderes e instituições religiosas podem também promover a reconciliação e contribuir para a reconstrução de sociedades devastadas pela guerra (BOUTA; KADAYIFICI-ORELLANA; ABU-NIMER, 2005).

Deste ponto de vista, argumenta-se que a religião (isto é, suas instituições e seus líderes) pode tanto contribuir diretamente para a resolução de conflitos a partir de mecanismos formais como a mediação e a arbitragem, como indiretamente em meio a sociedade civil, a partir de uma dimensão mais subjetiva contribuindo para processos de reconciliação (BREWER; HIGGINS; TEENEY, 2010; SMOCK, 2006). Além disso, da mesma maneira em que a retórica religiosa pode trazer suporte transnacional a bandeira das partes em conflito, a religião também tem a capacidade de mobilizar suporte da sociedade internacional em prol dos esforços de construção da paz (SMOCK, 2006).

⁴ Nota-se, por exemplo, o importante papel do *World Council of Churches* e do *All Africa Council of Churches* na mediação do conflito no Sudão em meados da década de 1970 e a conseguinte assinatura do acordo de Addis Ababa em (1972). Ver Ashworth (2017).



3.1. A influência da retórica religiosa em guerras civis

Apesar de ser termo utilizado em diferentes contextos, precisar a definição de guerra civil é um tanto quanto trabalhoso. Um lado que pode ajudar nessa tarefa é o que apresenta as causas de um conflito, porém, no caso das guerras civis, estas podem ser demasiadamente complexas, sendo compostas de inúmeras variáveis. Dessa forma, é necessário adotar uma definição objetiva e clara sobre o que configura ou não um conflito de tal forma.

A leitura da obra de Michael Brown (2001) pode nos ajudar a definir o termo. Nos termos determinados pelo autor, existem três critérios para classificar um conflito enquanto guerra civil. Primeiro, se deve ter um nível de violência alto, nível a partir de mil pessoas mortas violentamente. O segundo critério é relacionado às partes em litígio, e sua organização. Segundo Brown (2001), as partes conflitantes devem ter capacidade organizacional clara, capaz de orquestrar operações militares, e apresentar uma identidade comum, no contexto interno ao grupo, assumindo que o mesmo possui uma consciência de unidade bem demarcada.

Assim, para um conflito ser considerado uma guerra civil, o mesmo precisa ter partes que se diferenciam claramente entre si, organizadas e que se encontram em violência em nível elevado, excluindo assim pequenas rebeliões. Esse tipo de conflito deve permanecer por mais de um mês para ser classificado como guerra civil, já que o perfil dos atores indica tendência de os embates perdurarem por mais tempo (BROWN, 2001).

Uma guerra étnico-religiosa é definida por DeRouen (2015) como um conflito violento entre grupos de religiões distintas entre si. A maioria das contendas internas se apoiam em termos religiosos e étnicos como um fator construtor de identidade dos grupos conflitantes, que como explicado, precisam ser bem delimitados entre si para um conflito se configurar numa guerra civil. Um debate que se apresenta frequentemente nesse âmbito, entretanto, é se as questões étnicas e religiosas causam diretamente conflitos violentos. Com base nessa análise, se entende que as motivações desses conflitos têm o seu núcleo arraigado em fatores, diferenças e desavenças antigas. Combinado com emergentes demandas vindas de um contexto



de discriminação, se explica porque alguns conflitos são travados pelos mesmos grupos ao longo do tempo, e até em localidades distintas (DEROUEN, 2015).

Por outro lado, tem-se um modelo que considera que tais fatores são secundários nos conflitos, que na verdade, sempre surgem de desigualdades econômicas, políticas e sociais, que são catalisados pelos fatores religiosos. A questão do contexto, nesse modelo, é a única parte central do conflito, sendo que se o governo proporcionar oportunidades iguais para todos, a polarização religiosa não se desdobrará num conflito violento (DEROUEN, 2015).

Dito isso, a religião é adotada neste artigo como variável moderadora em uma guerra civil, tendo impacto na maneira pela qual os lados em contenda lidam com suas incompatibilidades de interesse. Haja visto o trabalho de Lindberg (2008), tem-se que quanto mais central é a religião em uma guerra civil, maior tende a ser a intensidade do conflito. Isto é, a contenda tende a apresentar maior número de mortos seja de combatentes ou de não combatentes. Além disso, os conflitos não só duram mais tempo que aqueles onde a religião não está presente, como maiores são as chances de seu ressurgimento após a firma de acordo de paz (TOFT, 2007).

Dessa maneira, cabe-nos questionar as condições que levam a religião a se tornar central em um conflito, assim como algumas das razões pelas quais a retórica religiosa contribui para a sua intensificação. Para Toft (2006a), a religião tende a se transformar em elemento central em uma guerra civil na medida em que as elites políticas de um país percebem e se utilizam da retórica religiosa como instrumento para angariar apoio doméstico e/ou internacional a sua bandeira. A autora destaca quatro fatores ou condições que, quando presentes, tendem a dar caráter sectário ao conflito a partir da adoção de retórica religiosa pelas partes combatentes:

(1) o governo dos líderes políticos está ameaçado; (2) a sociedade possui clivagens religiosas pré-existent; (3) o Estado monopoliza os meios de comunicação e a distribuição de informações; (4) recursos chave para a continuidade do governo, como armas, dinheiro, forças combatentes, suporte logístico, se localizam fora das fronteiras do Estado, tornando atrativas e necessárias apelações em nível transnacional (TOFT, 2006a, p.19).

Em relação a intensificação dos conflitos quando da presença de retórica religiosa, o primeiro recurso a ser destacado é a inclusão de um elemento intangível nos cálculos das partes. Nesse sentido, quando o conflito possui caráter sectário, as



partes combatentes tendem a estar dispostas a sacrificar aspectos tangíveis como os custos econômicos, sociais e humanos de um conflito. Mesmo se a perpetuação dos conflitos seja percebida em primeira instância como demasiado custosa, as partes movidas a partir de tónica sectária tendem a dar maior peso aos fatores intangíveis e, dessa maneira, justificar não só a recusa em iniciar as negociações como o crescente uso da violência (TOFT, 2006a).

Pode-se sublinhar outros dois fatores intimamente relacionados a inclusão de elementos intangíveis no cálculo racional das partes. Em primeiro lugar, quando a retórica religiosa se faz presente, as questões em conflito tendem a adquirir fação indivisível e, portanto, a se tornarem intratáveis por meio de negociações. Como destaca Toft (2006b), a indivisibilidade das questões é produto de uma construção humana. A maneira pela qual os grupos enxergam as questões em disputa a partir de suas identidades étnico-religiosas afeta a possibilidade de negociação. Esse é problema central destacado por Hassner (2003) quando de sua análise acerca da influência do sagrado na percepção dos fiéis acerca da indivisibilidade de certos territórios.

Em segundo lugar, e por fim, quando da presença da religião as partes combatentes tendem a apresentar sentimento de dever e de sacrifício que impacta as dinâmicas do conflito. Por um lado, na dimensão do sacrifício, os indivíduos tendem a basear suas ações a partir do que Juergensmeyer (2000, p.217) denomina de tempo divino. Isto é, os combatentes podem estar dispostos a tomar riscos e a sacrificar sua própria existência mundana de modo a alcançar o eterno e uma vida melhor após a morte. Por outro lado, em referência ao dever, o combate ao infiel pode ser vista pelo sujeito como encargo divino e, assim, a morte do não crente pode não só perder as limitações morais, como ser compreendida como necessária para a construção de uma sociedade mais próxima de Deus na terra (TOFT, 2006b).

4. A história do conflito na República Centro Africana

Em ordem a compreender as clivagens por trás do conflito na RCA, é necessário que se explique primeiramente as particularidades geográficas,



socioeconômicas e históricas do país. Tendo definido de forma clara tais pontos, será possível realizar uma análise mais completa sobre o conflito que se segue.

O território da RCA tem cerca de 623 000 km² e está situado na região central do continente africano, apresentando limites ao norte com a República do Chade, ao sul com a República do Congo e a República Democrática do Congo, a oeste com Camarões e a nordeste com o Sudão. O país, portanto, não possui abertura ao oceano, fazendo divisas com outros Estados apenas por terra, estando o porto mais perto da capital Bangui localizado a mais de mil quilômetros de distância. Em termos demográficos, o país não possui grande contingente populacional, são cerca de 4 milhões de habitantes que se distribuem de forma desigual pelo país. Nota-se que a maior densidade demográfica se encontra na parte oeste do país (DIALLO; TCHAINOU, 2017).

De acordo com o Cia Factbook (2017), a economia do país é composta basicamente pela extração de recursos primários, minerais e orgânicos, e da agricultura de subsistência, atividades que não se reverteram numa infraestrutura adequada para o país, que convive com a pobreza. A distribuição de renda já era considerada desigual antes do conflito civil, mas a mesma foi consideravelmente deteriorada após o uso constante da violência. O perfil populacional do país, especialmente o étnico-religioso, é dividido entre Baya (33%) e Banda (27%) como as mais representativas etnias; e as crenças cristãs (50%), animistas (35%), e muçulmana (15%) como as mais populares.

Dessa forma, a RCA é retratada como um país com uma riqueza natural robusta, mas com dificuldades econômicas e financeiras. Seu perfil geográfico, sem abertura marítima, faz com que boa parte de sua economia extrativista dependa das relações do país com os países fronteiriços e com nações desenvolvidas. A característica social do país com metade dos cidadãos declarados cristãos, face a uma minoria muçulmana adiciona um fator importante ao conflito travado no país. Para entender como a RCA chegou a portar tais características, é necessário que se verse brevemente sobre a história do país, situando as situações de tensão pertinentes ao conflito aqui estudado.



A região hoje território da República Centro-Africana foi marcada desde o fim do século XIX por colonização francesa. Se nos primeiros anos, as atividades coloniais eram majoritariamente realizadas por companhias privadas europeias, o começo do século XX marca período de atenção especial da França à colônia. A resistência dos nativos aos europeus e a influência de missões católicas à região foram então marcas que se perduraram até a conquista da independência em 1960 (MCKENNA, 2011)

Ao se tornar independente, a RCA se declarou uma república presidencial democrática, porém sua democracia já nasceu com problemas estruturais. À época da primeira eleição presidencial em 1964 existia apenas um partido e um candidato à presidente, David Dacko. Vitorioso no pleito, mas em meio à uma turbulência econômica, Dacko foi deposto em um golpe militar, por Jean-Bédel Bokassa. O novo governo era totalmente centralizado, sendo reportado variadas formas de violações aos direitos humanos (MCKENNA, 2011). Como na independência de outras de suas colônias africanas, a França permaneceu com relações próximas da RCA independente, em comércio, defesa e relações exteriores, e apoiava o novo governo ditatorial, visando manter seu acesso às reservas naturais do país. Bokassa se declarou imperador em 1976, em cerimônias financiadas pela ex-metrópole. (MCKENNA, 2011)

De qualquer maneira, em 1979 o governo francês removeu Bokassa do poder, e restituiu Dacko como presidente, num novo golpe de Estado, restaurando o sistema político que existia antes do imperador. O novo governo adotou iniciativas que davam sinais do iniciar de um processo de democratização, como o reconhecimento de novos partidos políticos, permissão de participação civil no corpo legislativo, e a adoção de nova constituição que regulamentava as eleições. No entanto, Dacko não era reconhecido como líder legítimo e foi novamente deposto em 1981 pelo General André Kolingba num golpe não-violento que instaurou novamente regime militar na RCA (MCKENNA, 2011).

Como pode ser visto durante os anos 1980, o ensaio democrático de Dacko não pôde mitigar as forças autoritárias e o militarismo no país. A partir da década de 1990, entretanto, a hostilidade internacional para com o governo de Kolingba era



evidente, e a população organizou greves e manifestações públicas pedindo eleições diretas, o que foi atendido em 1993. Então, a RCA elegeu seu primeiro presidente democraticamente eleito: Ange-Félix Patassé (MCKENNA, 2011).

Ao assumir o governo, Patassé encontrou grande instabilidade em um país caracterizado por uma economia frágil, com alta dívida pública e salários dos servidores públicos em atraso. O histórico antidemocrático causava inquietação, o que levou governo, líderes religiosos e oposição a assinarem um pacto unificador de interesses, para reerguer a economia do país. No entanto, tal esforço não foi um sucesso, o que muito se deve ao distanciamento da França em termos financeiros, fazendo com que o governo continuasse a conviver com várias tentativas de golpe. Boa parte dessas tentativas de golpe vinham de milícias formadas de militares que não estavam recebendo seus salários, e resistidos por milícias fiéis à Patassé (MCKENNA, 2011).

Em 2003, uma das milícias rebeldes tomou a capital Bangui, e declarou François Bozizé como novo chefe de Estado. Então, iniciou-se um conflito civil entre rebeldes do grupo União das Forças Democráticas (UFDR) para Reunificação, uma junção de algumas milícias leais a Patassé, e o governo. A retórica dos rebeldes era que Bozizé reprimia algumas etnias. Nas eleições em 2005, Bozizé foi eleito presidente, em uma eleição considerada justa, pacífica e democrática. O conflito contra o UFDR terminou em 2007, quando foi assinado um Acordo de Paz entre representantes do grupo e o governo, provendo reintegração dos milicianos, anistia e reconhecimento do grupo como partido político (MCKENNA, 2011).

Em 2012, parte dos grupos que compunham o UFDR entenderam que Bozizé não estava cumprindo com os termos do Acordo de Paz. Em conjunto com outros grupos, alguns do Chade, formaram o grupo Séléka, e entraram em confronto com o governo, no intuito de destituir Bozizé, e separar o norte do país como um Estado próprio, muçulmano. Para isso, tomaram o controle de várias capitais regionais e cidades de importância para a extração mineral. Em março de 2013, Bozizé acabou sendo deposto, e o líder do Séléka, Michel Djotodia assumiu o país. Djotodia, entretanto, renuncia em 2014 e dá lugar a Catherine Samba-Panza que,



interinamente, encerra o curto domínio do Seléka sobre a RCA. Em 2016, o atual presidente, Faustin Touadéra, foi eleito democraticamente. (WEINS; *et al*, 2014)

Destaque para o fato de que mediante a criação do Seléka em 2012, outra coalizão de grupos milicianos foi formada, como resposta direta ao primeiro. Nascia o grupo Anti-balaka, que se iniciava como um grupo de autodefesa contra ações violentas do Seléka, e em defesa da maioria cristã. Como destaca Weins *et al* (2014) o fato da grande maioria Seléka ser formada por grupos muçulmanos causou a adição do fator religioso no conflito entre os dois grupos. Dessa forma, além das motivações chamadas “gananciosas”, como ganho de poder e financeiro mostradas nas estratégias utilizadas pelos grupos, as populações eram envolvidas na medida em que as crenças religiosas eram postas no embate.

5. A Retórica Religiosa na Guerra Civil da República Centro Africana

De modo a testar a hipótese de trabalho a partir da Guerra Civil na RCA acredita-se ser importante indagar duas sortes de questão. Em um primeiro momento, acerca da centralidade da retórica religiosa no conflito: é a religião elemento central para a explicação dos cursos de ação adotados pelas partes em conflito? Em segundo lugar, em caso de resposta afirmativa, há correlação entre a adoção da retórica religiosa e a intensificação da violência na RCA?

Desde que o grupo Séléka direcionou as suas ações em direção a Bangui no final de 2012 a República Centro Africana vive uma das piores crises de sua história. Estima-se que somente entre os anos de 2013 e 2017 esteja entre 3000 e 6000 o número de mortos. Até o fim de 2017 registrou-se ainda cerca de 518 mil refugiados e 412 mil deslocados internos, além de haver cerca de 2,4 milhões de pessoas em necessidade de ajuda humanitária (UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS, 2017, s/p). Destaca-se também o crescente caráter sectário do conflito, tendo não só os Séléka se definido como aliança muçulmana, como os Anti-balaka se apresentado como milícia cristã.

De qualquer maneira, a origem da contenda entre as partes não se define como religiosa, tendo cálculos de ganância (*greed*) pelos líderes centro-africanos,



refletidos na busca pelo poder e controle de recursos naturais, estado a frente no começo das campanhas (DEIROS, 2014). O que não significa que a religião não se tornou paulatinamente central para o conflito. Os líderes Seleka e Anti-balaka em especial a partir de 2012 se utilizam da histórica clivagem religiosa do país, assim como da crescente relevância do fenômeno religioso para o contexto regional e internacional, como forma de angariar apoio doméstico e internacional para a sua causa e justificar as atrocidades cometidas (DEIROS, 2014).

Argumenta-se, então, que apesar da religião não ser a causa primária do conflito, a retórica religiosa adotada pelas elites políticas centro-africanas acabou por dotar caráter confessional à Guerra Civil (WEINS; *et al*, 2014). Três são os fatores destacados por Barbara Toft (2006a, p.19) que, presentes em contexto da República Centro Africana, contribuíram para a paulatina sectarização do conflito durante o ano de 2013: a ameaça ao governo dos líderes políticos; a existência de clivagens religiosas pré-existentes; o fato de recursos chave para a continuidade dos combates e proteção do governo se localizarem fora das fronteiras da RCA (WEINS; *et al*, 2014).

Segundos dados da *Central Intelligence Agency* (CIA) (2017), enquanto as religiões cristãs compõem cerca de 50% da população na RCA, somente 15% dos centro-africanos são muçulmanos. A geografia étnico-religiosa do país também se faz importante para análise na medida em que se por um lado a maioria cristã se localiza ao sul e ao leste do país, a minoria muçulmana historicamente se instituiu na região de Vakaga ao nordeste da RCA (DEIROS, 2014). Segundo Brown (2001), uma geografia étnico-religiosa na qual minorias localizam-se em províncias distantes e separadas do resto do país é um dos fatores que aumentam as chances de se emergir não só guerras civis como demandas secessionistas. De fato, esse é o caso da RCA onde desde a independência do país houve marginalização da população muçulmana em Vakaga. Como esperado, com a renúncia de Djotodia em dezembro de 2013 e intensificação dos conflitos em 2014 observa-se o começo de demandas independentistas por líderes ex-Séléka (KAM KAH, 2014).

As rugas de cunho confessional, apesar de terem se intensificado com a eclosão do conflito em 2012, tem origem histórica na RCA. Em período pré-colonial,



grupos muçulmanos de Vakaga se integraram ao tráfico negreiro internacional e excursionaram ao sul de modo a capturar em sua maioria povos de origem não-muçulmana. Em segundo lugar, durante o período colonial, a França deu prioridade no país a grupos muçulmanos pastoralistas, em especial de etnia Peul Mbororo, dando a eles acesso ao leste do país e causando reações da população local. No pós-independência, os sulistas de maioria cristã dominaram a política na RCA e a má reputação e o ressentimento com os muçulmanos de Vakaga acabou por levar a um processo de extensa marginalização do nordeste do país (KAM KAH, 2014).

Como destaca Gourdin (2014), a população de origem islâmica, estigmatizada por fatos do passado e marginalizados pelo governo central no pós-independência, se viu impedida até mesmo de alcançar cargos altos no maquinário público. Isto porque historicamente a maioria cristã tende a considerar a população muçulmana como estrangeira. Sentimento potencializado pelo estreito contato de Vakaga com o Chade e o Sudão (KAM KAH, 2014). Como sublinha Weins *et al* (2014, p.53),

grande parte da população muçulmana é vista como estrangeira, chadiana. Não importa quantas gerações de uma família muçulmana tenham vivido na RCA, um muçulmano é constantemente considerado estrangeiro. O grupo Séléka, predominantemente muçulmano, foi também considerado estrangeiro, chadiano. Dessa maneira, ao mesmo tempo em que o movimento Anti-balaka declarou-se lutando o Séléka, tanto os líderes quando os combatentes, implicitamente e em alguns casos explicitamente, entendiam a luta como uma luta contra todos os “estrangeiros” e todos (civis) muçulmanos.

Pelo destacado caráter sectário da luta Anti-balaka se atribui, então, o elevado número de ataques a civis muçulmanos a partir de dezembro de 2013, o que piorou não só a condição humanitária da população centro-africana, como forçou milhares a buscar refúgio no estrangeiro ou a se deslocar internamente no país.

Outro fator que se pode observar nas dinâmicas do conflito na RCA, é o fato da retórica religiosa ter ganho espaço no país a partir do momento em que Bozizé percebeu seu governo ameaçado pelo início da campanha Séléka em direção a Bangui (KAM KAH, 2014). O ex-presidente centro-africano a partir de dezembro de 2012 até sua queda em março de 2013, sublinha suposta natureza confessional do



conflito, clamando para a população proteger o país do ataque de estrangeiros. Em entrevista para o jornal *Jeune Afrique* algumas semanas antes de sua deposição é possível ainda perceber sua influência no processo de consolidação das milícias Anti-balaka não só pelo discurso étnico-religioso e nacionalista, como também pela distribuição de machetes entre os milicianos (SOUDAN, 2013).

Bozizé, se não diretamente responsável direto por dar caráter sectário ao conflito, de fato construiu as bases para ruptura confessional após a sua deposição em março de 2013. Aos primeiros milicianos de Bangui juntou-se mais tarde aliados políticos de Bozizé e membros da guarda presidencial do ex-presidente. Dentre eles, Édouard Ngaissona, ex-ministro de esportes, e Sebastian Wenezoui, para os quais o objetivo do movimento era a garantia da proteção do Estado centro-africano e de sua população cristã (WEINS; *et al*, 2014).

Se a autodefesa fora o motivo principal da luta Anti-balaka, como deixa implícito Bozizé em sua entrevista a *Jeune Afrique*, é possível se perceber como o ressentimento em relação a contraparte muçulmana acabou por instigar as terríveis ações do grupo não somente em direção a combatentes Séléka, como também a população civil muçulmana). Sobre este assunto, Weins *et al* (2014, p.53) refere que

desde o começo, as ações dos Anti-balaka não se limitaram somente a defesa pessoal e da comunidade. Ao contrário: os crimes perpetrados foram do princípio extremamente cruéis (...). Além disso, os Anti-balakas não atacaram somente Sélékas, mas todos (as) os homens e mulheres muçulmanos (as) de todas as idades e classes sociais. O único fator que as vítimas tinham em comum era sua identidade religiosa.

Como destaca Kam Kah (2014), os primeiros ataques perpetrados pelos Anti-balaka em direção a população muçulmana acabaram por gerar um dilema de segurança de caráter sectário. Anteriormente ao início da ofensiva Séléka em direção a Bangui a questão religiosa não foi diretamente levantada pelos seus líderes, como indicado pelo silêncio acerca do assunto nas negociações de Libreville entre 8 e 11 de janeiro de 2013. O que não significa que os combatentes já não diferenciavam muçulmanos de não-muçulmanos em seus ataques (WEINS; *et al*, 2014).

De qualquer maneira, é somente a partir da intensificação dos ataques Anti-Balaka que a retórica religiosa passa a fazer parte também do discurso das



lideranças Séléka. A partir da reunião da cúpula do grupo em N'dele em 10 de maio de 2014, a aliança passa a se proclamar defensora do povo muçulmano e a demandar a liberação daqueles cercados ao sul (DEIROS, 2014). Além disso, passa de forma cada vez mais intensa a direcionar seus ataques à população cristã, como a arremetida à Igreja de Fátima em Bangui no final do mesmo mês deixando cerca de 30 mortos (REBELS KILL 30..., 2014).

Enfim, o terceiro fator presente é o fato de recursos chave para a continuidade dos combates proteção do governo localizarem-se fora das fronteiras da RCA. Bozizé e seus aliados na construção da retórica religiosa acusaram o movimento insurgente Séléka de estar completo de estrangeiros, o apoio dos governos de Chad e Sudão e a natureza confessional da insurgência, apelando ao sistema internacional (DEIROS, 2014). Chegou-se a especular apoio do Boko Haram aos Séléka, conexão a todo o momento negada pelos membros do grupo centro-africano (ADOUM, 2014). Como destaca Gourdin (2014, s/p) “ao invocar o terrorismo de essência wahabita, eles esperavam provocar intervenção ocidental em ordem a preservar o poder de Bozizé”.

Tendo posto a análise baseada em pressupostos teóricos sobre a centralidade da retórica religiosa no conflito civil na República Centro Africana, é preciso seguir a análise no sentido de verificar as relações previstas para um conflito religioso. Isto é, seguir os argumentos de Lindberg (2008) de que quando a religião ganha centralidade no conflito, o mesmo é mais violento, duradouro e persistente. Realizar-se-á de maneira comparativa: analisando os conflitos civis entre UFDR e o governo de Bozizé de 2003 até 2007, e o envolvendo Séléka e Anti-balaka, de 2012 até hoje.

Em primeiro lugar, é importante destacar que, mesmo tendo sido assinado um Acordo de Paz em 2007 entre governo e UFDR, não quer dizer que o conflito tenha terminado. De acordo com Kreutz (2014, p.350), resolver um conflito politicamente não quer dizer que sua implementação seja eficaz. Na leitura de McKenna (2011), o grupo Séléka nasce justamente por uma coalizão de grupos que ou não se sentiram contemplados nas provisões do acordo, ou entendiam que o governo não estava cumprindo nos termos do mesmo. Além disso, outro ponto



abordado por Kreutz (2014) é o impacto que a memória social tem nesse contexto, o que no caso da RCA, é composto por seguidos golpes de Estado, o que ruiu com a credibilidade do cumprimento do acordo.

O que se propõe então é que se tem uma guerra civil nos termos de Kreutz (2014), iniciada em 2003, com o golpe de Estado de Bozizé, e renovado em 2012, com o surgimento do Seléka e do Anti-balaka. Esses dois momentos, como demonstrado na última seção, podem ser diferidos entre si, enquanto no primeiro estágio a religião não tomou centralidade, no segundo, a retórica passou a influenciar a relação entre as partes em contenda.

O que se pode afirmar sobre as durações dos estágios é que o estágio atual é mais duradouro. O marco para o fim da Guerra Civil de 2003 é o Acordo de Paz entre UFDR e governo em 2007, dando ao conflito sem retórica religiosa a duração de 3 anos (MCKENNA, 2011). Por outro lado, a contenda atual nasce com o grupo Seléka em 2012, e persiste até os dias atuais, com a ONU se preocupando com a possibilidade de ocorrer um genocídio (UN WANS OF..., 2017). Nesse lado, o ponto de Lindberg (2008) é confirmado, pois o estágio do conflito com retórica religiosa teve maior duração.

O segundo ponto é verificar acerca da violência usada nos dois momentos do conflito na RCA, com base em dados concretos. Em ambos os momentos são reportadas atrocidades de ambos os lados, porém, a fim de apresentar dados empíricos, a análise será pautada sobre o número reportado de fatalidades em ambos os períodos, num recorte de quatro anos.

De acordo com os dados da *Upsala Conflict Data Program* (UCDP), entre 2003 e 2007 registram 477 mortos ao total, o que resulta numa média de 119,25 mortos por ano. Já com o conflito Seléka e Anti-balaka, os dados registrados são de 7.168 mortos de 2012 até 2016. Isso resulta numa média de 1.792 fatalidades por ano, número muito expressivo e maior que o período anterior, sendo assim, mais violento com a presença da disputa religiosa. Os dados do *Conflict Barometer* (2017) demonstram ainda que somente durante o ano de 2017 o conflito vitimou cerca de mil pessoas, superando em mais que o dobro o número de fatalidades do conflito de 2003 a 2007.



Dessa forma, se vê que em sua maioria, os pontos dos autores são confirmados no que se refere às características dos conflitos religiosos. Em comparação empírica, no momento em que a retórica religiosa se fez presente no conflito na RCA, este se tornou mais fatal e tem sido mais duradouro. Há que se lembrar, entretanto, que apesar da centralidade da religião no conflito em especial a partir de 2012, em termos causais predominam-se os interesses econômicos e territoriais dos grupos envolvidos na contenda.

6. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo discutir a influência do fenômeno religioso nas dinâmicas de paz e conflito. Partiu-se da hipótese que a religião, quando central em um conflito, tende a influenciar a intensidade da contenda e a escalada do nível de violência. De modo a testar a hipótese de trabalho, foi analisada a influência da retórica religiosa na guerra civil da República Centro Africana. Como resultado da análise, a hipótese levantada para este trabalho foi confirmada. Na medida em que a retórica religiosa se tornou central para a dinâmica do conflito, a contenda se intensificou tornando-se cada vez mais violenta.

A partir de 2012, a religião paulatinamente entra em cena quando o ex-presidente François Bozizé vê seu governo ameaçado pela ofensiva Séléka e se aproveita da histórica clivagem religiosa na RCA e do contexto internacional para buscar suporte a sua bandeira. Bozizé e seus aliados, se não responsáveis diretos por dar caráter sectário ao conflito, de fato construíram as bases para ruptura confessional, tendo influência na própria formação do grupo Anti-balaka. Os ataques Anti-balakas em direção a comunidade muçulmana, então, conformaram dilema de segurança em sua relação com os Séléka. Que a partir desse momento passaram também a orientar seus ataques em direção à comunidade cristã.

Assim, apesar de em grande parte da história das Relações Internacionais e dos estudos de paz e conflito o fenômeno religioso ter sido deixado de lado como variável chave para uma série de análises, acredita-se que o artigo tenha contribuído para demonstrar o inverso. Conflitos de caráter sectário tendem a ser mais intensos, violentos e duradouros. O que não significa que o fenômeno religioso tenha somente



impacto negativo na interação entre diferentes atores. Este foi somente o enfoque adotado neste artigo. Como já anteriormente destacado, nos últimos anos a literatura tem enfatizado também o papel da religião no processo de resolução de conflitos e promoção da paz.

7. Referências

ADOUM, Abdoulaye. Central African Seleka militia denies Boko Haram links. *Anadolu Agency*. 2014. Disponível em: <<http://aa.com.tr/en/archive/central-african-seleka-militia-denies-boko-haram-links/175941>>. Acesso em: 08 nov. 2017

ARMED CONFLICT LOCATION & EVENT DATA PROJECT. *Country Report: Central African Republic*. [S.1]: ACLED, 2015. Disponível em: <https://www.acleddata.com/wp-content/uploads/2015/01/ACLED-Country-Report_Central-African-Republic.pdf>. Acesso em 21 out. 2017

ASHWORTH, John. The church and peace in South Sudan. *Sudan Studies for South Sudan and Sudan*, n.56, p.11-21, 2017

BARTOLI, Andrea. Conflict prevention: the role of religion is the role of its actors. *New Routes*, v.10, n.3, p.3-7, 2005

BOUTA, Tsjeard; KADAYIFCI-ORELLANA, S. Ayse; ABU-NIMER, Mohammed. Faith-based peacebuilding: mapping and analysis of Christian, Muslim and Multi-Faith actors. The Hague: Institute of International Relations, 2005

BREWER, John D.; HIGGINS, Gareth I.; TEENEY, Francis. Religion and Peacemaking: A Conceptualization. *Sociology*, v. 44, n. 6, p.1019-1037, 2010

BROWN, M. Ethnic and internal conflicts: causes and implications. In: CROCKER, C.; HAMPSON, F.; AALL, P. *Turbulent Peace: The Challenges of Managing International Conflict*. USIP Press Books, 2001.

CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos. Introdução. In: CARLETTI, Anna; FERREIRA, Marcos (orgs.). *Religião e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do Cristianismo e do Islã*. Curitiba: Juruá, 2016

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY. *The World Factbook: Central African Republic*. 2017. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/ct.html>>. Disponível em: 07 nov. 2017



CONFLICT BAROMETER. Current Version. 2017. Disponível em <<https://hiik.de/conflict-barometer/current-version/?lang=en>>. Acesso em 13 jun. 2018

CHAD SENDS TROOPS to back CAR army against rebels. *Reuters*. 2012. Disponível em <<http://www.reuters.com/article/us-car-rebels-idUSBRE8BH15Y20121218>>. Acesso em 10 nov. 2017

DEIROS, Trinidad. Central African Republic: The Invention of a Religious Conflict. *Opinion Papers (Instituto Español de Estudios Estratégicos)*, n.67, pp.1-14, 2014. Disponível em: <http://www.ieee.es/en/Galerias/fichero/docs_opinion/2014/DIEEEO67-2014_RCA_InvencionConflictoReligioso_T.Deiros_ENGLISH.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2017

DEROUEN, Karl. *An Introduction to Civil Wars*. London: CQ Press. 2015

DIALLO, Kalidou; TCHUINO, David. **Central African Republic**. 2017. Disponível em <<http://www.africaneconomicoutlook.org/en/country-notes/central-african-republic>>. Acesso em 10 nov. 2017

GOURDIN, Patrice. Centrafrique: la fabrication d'un "choc des civilisations". *Études Géostratégiques*. 2014. Disponível em: <<https://etudesgeostrategiques.com/2014/01/26/centrafrique-la-fabrication-dun-choc-des-civilisations/>>. Acesso em: 05 nov. 2017

FERREIRA, Marcos; CARLETTI, Anna. Religião no ensino e na pesquisa em Relações Internacionais do Brasil. *Meridiano 47*, v.19, p.1-17, 2018

HASSNER, Ron. "To Halve and to Holve": Conflicts over Sacred Space and the Problem of Indivisibility. *Security Studies*, v.12, n.4, pp.1-33, 2003

HAYNES, Jeffrey. Conflict, conflict resolution and peace-building: the role of religion in Mozambique, Nigeria and Cambodia. *Commonwealth & Comparative Politics*, v.47, n.1, p.52-75, 2009

HUNTINGTON, Samuel. *The Clash of Civilizations*. New York: Simon and Schuster, 1996

HURD, Elizabeth. The political authority of secularism in International Relations. *European Journal of International Relations*, v.10, n.2, p.235-262, 2004

JUERGENSMEYER, Mark. *Terror in the mind of God: the global rise of religious violence*. California: University of California Press, 2000



KALDOR, Mary. *New and Old Wars: Organized Violence in a Global Era*. Stanford: Stanford University Press, 1999

KAM KAH, Henry. Anti-Balaka/Séléka, “Regionalisation” and Separatism in the History of the Central African Republic. *Conflict Studies Quarterly*, v.9, pp.30-38, 2014

KREUTZ, Joakim. How civil wars end (and recur)? In: NEWMAN, E; DEROUEN, K. *Routledge Handbook on Civil Wars*. London: Routledge, 2014. pp 349-362.

LINDBERG, Jo-Eystein. *Running on Faith?: A Quantitative Analysis of the Effect of Religious Cleavages on the Intensity and Duration of Internal Conflicts*. 123 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Políticas) - University of Oslo, Department of Political Science, Oslo, 2008. Disponível em: <https://www.prio.org/Global/upload/CSCW/Data/ArmedConflict/Running_on_Faith.pdf>. Acesso em: 20 out. 2017

MARTY, Martin; APPLEBY, Scott. *Fundamentalism Observed*. Chicago: Chicago University Press, 1994

MCKENNA, Amy. *The History of Central and Eastern Africa*. New York: Britannica Educational Publishing. 2011

POLGREEN, Lydia. Fearing Fighting, Residents Flee Capital of Central African Republic. *The New York Times*. 2012. Disponível em <<http://www.nytimes.com/2013/01/01/world/africa/residents-flee-bangui-capital-of-central-africa-republic.html>>. Acesso em 10 nov. 2017

PRUITT, Dean; RUBIN, Jeffrey. *Social Conflict: Escalation, Stalemate and Settlement*. New York: Random House, 1986

REBELS KILL 30 in church raid in Central African Republic. 2014. *Los Angeles Times*. Disponível em: <<http://www.latimes.com/world/africa/la-fg-rebels-kill-30-central-african-republic-20140528-story.html>>, Acesso em: 07 nov. 2017

REYCHLER, Luy. Religion and Conflict. *The International Journal of Peace Studies*, v.2, n.1, 1997. Disponível em: <http://www.gmu.edu/programs/icar/ijps/vol2_1/Reyschler.htm>. Acesso em: 20 out. 2017

SANDAL, Nukhet; JAMES, Patrick. Religion and International Relations Theory. *European Journal of International Relations*, v.17, n.3, p.3-25

SMOCK, David. *Religious Contributions to Peacemaking: When Religion Brings Peace, not War*. Washington: USIP, 2006



SOUDAN, François. Centrafrique : la dernière interview de François Bozizé avant sa chute. 2013. *Jeune Afrique*. Disponível em: <<http://www.jeuneafrique.com/137922/politique/centrafrique-la-derni-re-interview-de-fran-ois-boziz-avant-sa-chute/>>. Acesso em: 07 nov. 2017

TOFT, Monica. *Religion, Civil War, and International Order*. BCSIA Discussion Paper 2006-03, Kennedy School of Government, Harvard University, July 2006a. Disponível em: <<https://www.belfercenter.org/sites/default/files/legacy/files/2006-03.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2017

TOFT, Monica. Issue Indivisibility and Time Horizons as Rationalist Explanations for War. *Security Studies*, v.15, n.1, pp.34-69, 2006b

TOFT, Monica. Getting Religion? The Puzzling Case of Islam and Civil War. *International Security*, v.31, n.4, pp.97-131, 2007

UCDP. *Central African Republic*. 2017. Disponível em <<http://ucdp.uu.se/#country/482>>. Acesso em 10 nov. 2017

UN WARNS OF genocide in Central African Republic. *DW*. ago.2017. Disponível em <<http://www.dw.com/en/un-warns-of-genocide-in-central-african-republic/a-40002377>>. Acesso em 10 nov. 2017

UNITED NATIONS OFFICE FOR THE COORDINATION OF HUMANITARIAN AFFAIRS. *Central African Republic*. 2017. Disponível em: <<http://www.unocha.org/car>>. Acesso em: 07 nov. 2017

WALLENSTEEN, Peter. *Understanding conflict resolution: war, peace and the global system*. Sage Publications, 2002

WEINS, Yannick; *et al.* *Mapping Conflict Motives: The Central African Republic*. Antwerp: IPIS, 2014

Recebido em: 01/03/2018.

Aprovado em: 30/08/2018.